

# MONITOR

Março 2022



REPÓRTER  
BRASIL

## “MCDONALD'S: AS PEGADAS DE UM GIGANTE”



Os problemas socioambientais ligados à rede de fornecedores do café, do suco de laranja, da carne bovina e da soja utilizados pelo McDonald's são o tema deste Monitor, boletim da Repórter Brasil que divulga estudos setoriais e de cadeia produtiva.

# MONITOR #13

## EXPEDIENTE

### EDIÇÃO

André Campos

**“McDonald's: as pegadas de um gigante”**

### PESQUISA E TEXTO

André Campos e Poliana Dallabrida

### FOTOS

Juliana Amoringo (Capa)

Marcelo Camargo (Capa, p.13 e p.15)

Andrew Hoang / Unsplash (p.03)

Boobook48 / Flickr (p.04)

João Laet (p.05)

Subsecretaria de Inspeção do Trabalho / Ministério da Economia (p.06)

Thabang / Unsplash (p.08)

Gerson Sifuentes / Unsplash (p.09)

Reginaldo (p.10)

Amornrat Sawatyam / Unsplash (p.11)

Kevin Lanceplaine / Unsplash (p.17)

Jason Yuen / Unsplash (p.24)

### PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Elaine Almeida

## REPÓRTER BRASIL ORGANIZAÇÃO DE COMUNICAÇÃO E PROJETOS SOCIAIS

### COORDENADOR GERAL

Leonardo Sakamoto

### SECRETÁRIO-EXECUTIVO

Marcel Gomes

### COORDENADORA FINANCEIRA

Marta Santana

### ASSISTENTE DA COORDENAÇÃO

Marília Ramos

### ENDEREÇO

Rua Amália de Noronha, 151

Conj. 605. São Paulo - SP

Brasil CEP 05410-010



REPÓRTER  
BRASIL

### CONTATOS

 [biobr@reporterbrasil.org.br](mailto:biobr@reporterbrasil.org.br)

 [ONGReporterBrasil](https://www.facebook.com/ONGReporterBrasil)

 [@reporterb](https://twitter.com/reporterb)

(55 11) 2506-6570

(55 11) 2506-6562

(55 11) 2506-6576

(55 11) 2506-6574

# SUMÁRIO

UM GIGANTE GLOBAL	03
IMPACTOS NO BRASIL	04
CARNE BOVINA: FLORESTAS QUEIMADAS E TRABALHO ESCRAVO	05
HAMBÚRGUER MONITORADO POR SATÉLITE	05
OS CRIMES DOS FORNECEDORES INDIRETOS	06
LAVAGEM DE GADO E INVASÃO DE TERRAS INDÍGENAS	07
CAFÉ: AGROTÓXICOS E LONGAS JORNADAS	07
A APOSTA DO MCDONALD'S EM CERTIFICAÇÃO	08
O CASO SEGAFREDO	08
AGROTÓXICOS E VIOLAÇÕES TRABALHISTAS	09
LARANJA: TRABALHO PRECÁRIO NA COLHEITA	10
ITEM IGNORADO ENTRE OS PRODUTOS PRIORITÁRIOS	10
PRECARIZAÇÃO, MULTAS E TRABALHO ESCRAVO	11
SOJA: DESMATADORES CERTIFICADOS	12
OS "CRÉDITOS SUSTENTÁVEIS" DO MCDONALD'S	13
O CASO SLC AGRÍCOLA	13
DESMATAMENTO NO CERRADO	14
O OUTRO LADO	16
O QUE DIZ O MCDONALD'S	17
UM LONGO CAMINHO	18
NOTAS	19

# UM GIGANTE GLOBAL

O McDonald's serve mais de 63 milhões de consumidores por dia<sup>1</sup> em seus mais de 40 mil restaurantes espalhados por 119 países<sup>2</sup>. A gigantesca corporação começou em 1948, na Califórnia, com uma pequena lanchonete de sistema drive-thru. Sete décadas depois, emprega mais de 2,2 milhões de pessoas<sup>3</sup>, entre funcionários próprios e de franquias.

O tamanho e a abrangência de suas operações colocam a rede numa posição de destaque em diversas cadeias produtivas globais e tornam o McDonald's um importante influenciador de políticas para a produção de alimentos. A marca gaba-se, entre outros superlativos, de ser um dos maiores compradores de carne de gado e de peixe do planeta<sup>4</sup>. Em 2021, a empresa e suas franquias faturaram mais de US\$ 112 bilhões<sup>5</sup>, montante superior ao Produto

Interno Bruto (PIB) da maior parte dos países do mundo.

Berço da rede de restaurantes, os Estados Unidos seguem sendo seu principal mercado. A operação americana responde por 41% da receita global e hospeda mais lojas do que os dez países seguintes no ranking de estabelecimentos da marca<sup>6</sup>. China e Japão são os principais mercados da empresa na Ásia, enquanto que, na Europa, a França é o país com o maior número de lojas da rede, seguida por Alemanha e Reino Unido.

Em 2021, 93% dos restaurantes do McDonald's eram franqueados<sup>7</sup>. A maior rede de franquias é a Arcos Dorados, que controla mais de dois mil restaurantes em 20 países da América Latina e do Caribe<sup>8</sup>. Desse total, aproximadamente metade estão no Brasil<sup>9</sup>.

Além de importante mercado consumidor, o Brasil é um relevante país de

origem dos produtos que o McDonald's comercializa, tanto localmente como em nível global. Carne bovina, café e suco de laranja são exemplos de itens de origem brasileira frequentemente presentes nos cardápios da rede. O país também é um relevante fornecedor da soja utilizada para alimentar os frangos vendidos nos restaurantes.

São setores agropecuários ligados a uma grande variedade de problemas. Abrangem violações de direitos trabalhistas – e até mesmo trabalho escravo, nos casos mais graves –, impactos deletérios ao meio ambiente, como o desmatamento de florestas, e prejuízos a comunidades tradicionais. No Brasil, esse tipo de situação ocorre mesmo em propriedades certificadas, que são a origem de grande parte dos produtos considerados prioritários no McDonald's para o monitoramento socioambiental.



# IMPACTOS NO BRASIL

O McDonald's elenca a carne bovina, o frango – e a soja utilizada na ração do animal –, o café, o óleo de palma, o peixe e as fibras vegetais – usadas na produção das embalagens – como produtos prioritários para fins de controle socioambiental. Nestes setores, estabelece uma série de critérios e ações específicas para monitorar a cadeia produtiva<sup>10</sup>.

Apesar dessas políticas, a cadeia produtiva do McDonald's segue expos-

ta a uma série de impactos negativos relacionados à realidade rural brasileira. Desmatamento, trabalho escravo, violações de leis trabalhistas e prejuízos a comunidades tradicionais fazem parte dos problemas ligados, direta ou indiretamente, à rede de fornecedores que abastece os restaurantes da marca.

Parte considerável destes impactos envolve justamente produtos considerados prioritários pelo McDonald's para fins de controle socioambiental.

Neste relatório, a **Repórter Brasil** elenca exemplos concretos de impactos negativos associados a três itens presentes nos cardápios da rede de fast food mundo afora: carne bovina, café e suco de laranja. A investigação também trata do cultivo da soja – grão presente na ração que alimenta os frangos do McDonald's.



# CARNE BOVINA: FLORESTAS

# QUEIMADAS E TRABALHO ESCRAVO

A criação de gado é um dos principais vetores das queimadas e do desmatamento ilegal no Brasil. Segundo os dados mais recentes do governo federal, 65% das terras desmatadas na Amazônia brasileira são ocupadas por áreas de pastagem<sup>11</sup>. O avanço da atividade também é um dos principais motores para a derrubada da vegetação nativa em outros biomas brasileiros afetados pela rápida perda da cobertura florestal, como o Cerrado e o Pantanal.

Trata-se uma realidade preocupante para o McDonald's, que tem como compromisso público acabar com o desmatamento em sua cadeia global até 2030<sup>12</sup>. No Brasil, a empresa vende hambúrgueres produzidos localmente que estão expostos ao risco de contaminação pelo desmatamento e às graves violações de direitos humanos verificadas no setor. A pecuária também lidera o ranking nacional de trabalhadores submetidos à escravidão. Nos últimos 25 anos, fiscais do governo federal resgataram mais de 17 mil pessoas submetidas ao crime em fazendas dedicadas à atividade<sup>13</sup>.

## HAMBÚRGUER

## MONITORADO POR

## SATÉLITE

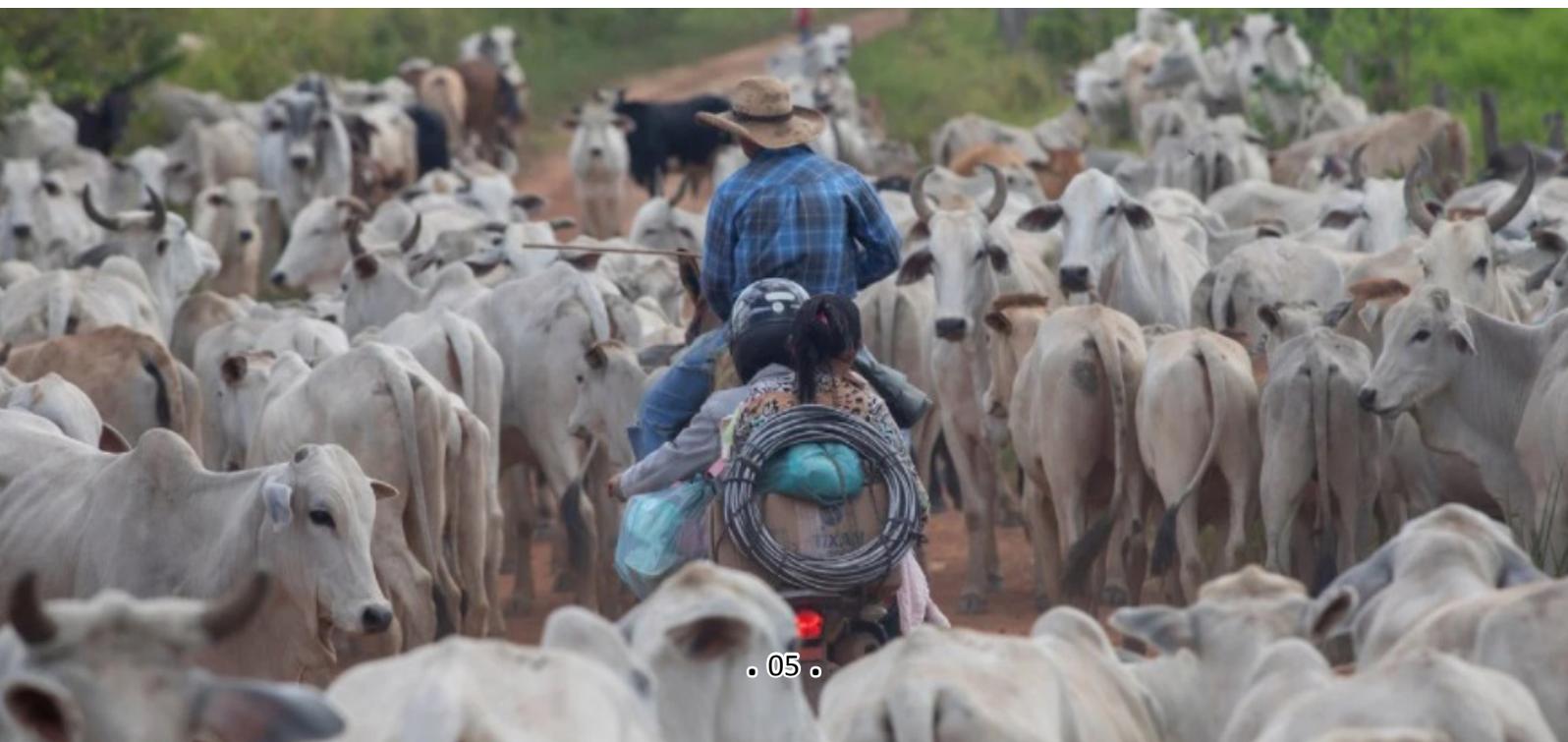
De acordo com o McDonald's, 85% da carne de gado utilizada nos restaurantes da rede é fornecida por apenas dez países: Estados Unidos, Austrália, Alemanha, Brasil, Irlanda, Canadá, França, Nova Zelândia, Reino Unido e Polônia<sup>14</sup>. Matéria-prima para fabricação hambúrgueres, o item é um ingrediente central para os negócios da empresa.

Em 2014, o McDonald's estabeleceu cinco critérios de sustentabilidade para o fornecimento do produto. Entre eles está a aquisição de carne de gado somente de empresas que participem de iniciativas alinhadas à Global Roundtable for Sustainable Beef – Mesa Global de Carne Sustentável, na tradução para o português. Outro princípio anunciado é o apoio a cadeias de fornecimento livres de desmatamento<sup>15</sup>. Enquanto o primeiro critério, na avaliação McDo-

nald's, é considerado 100% alcançado, o segundo é descrito como 99,4% cumprido<sup>16</sup>.

O McDonald's considera o Brasil como uma região de alto risco de desmatamento, ao lado do Paraguai, da Argentina e da Austrália. A rede exige que a carne proveniente desses países cumpra os requisitos de uma política própria para o setor – a Política de Abastecimento de Carne Livre de Desmatamento –, além do Compromisso McDonald's sobre Florestas, que prevê a eliminação do desmatamento de suas cadeias produtivas até 2030<sup>17</sup>.

Para avançar nesse objetivo, a Arcos Dorados, que administra as franquias da rede na América Latina, afirma monitorar 100% das áreas de pastagem de fornecedores diretos – ou seja, a última fazenda ou curral de engorda antes do abate. Em 2020, segundo a empresa, foram monitorados via satélite mais de 7,5 milhões de hectares em 6.741 fazendas. Essas propriedades forneceram cerca de 2.700 toneladas de carne aos restaurantes da rede na região<sup>18</sup>.



## OS CRIMES DOS FORNECEDORES INDIRETOS

Mas os fornecedores diretos – aqueles que encaminham animais diretamente para o abate – representam apenas o último elo da cadeia de negócios da pecuária brasileira. Em grande parte das fazendas dedicadas à atividade, os animais são criados apenas até uma certa idade. Posteriormente, o gado é transferido para a engorda final pré-abate a outros estabelecimentos, de onde então seguem para os abatedouros.

O McDonald's não dispõe de mecanismos eficientes para identificar e, conseqüentemente, monitorar tais fazendas de origem – os chamados fornecedores indiretos. E é justamente neles que se concentram grande parte dos casos de desmatamento e trabalho escravo. Os frigoríficos cadastrados como fornecedores diretos do McDo-

nald's também carecem de mecanismos dessa natureza.

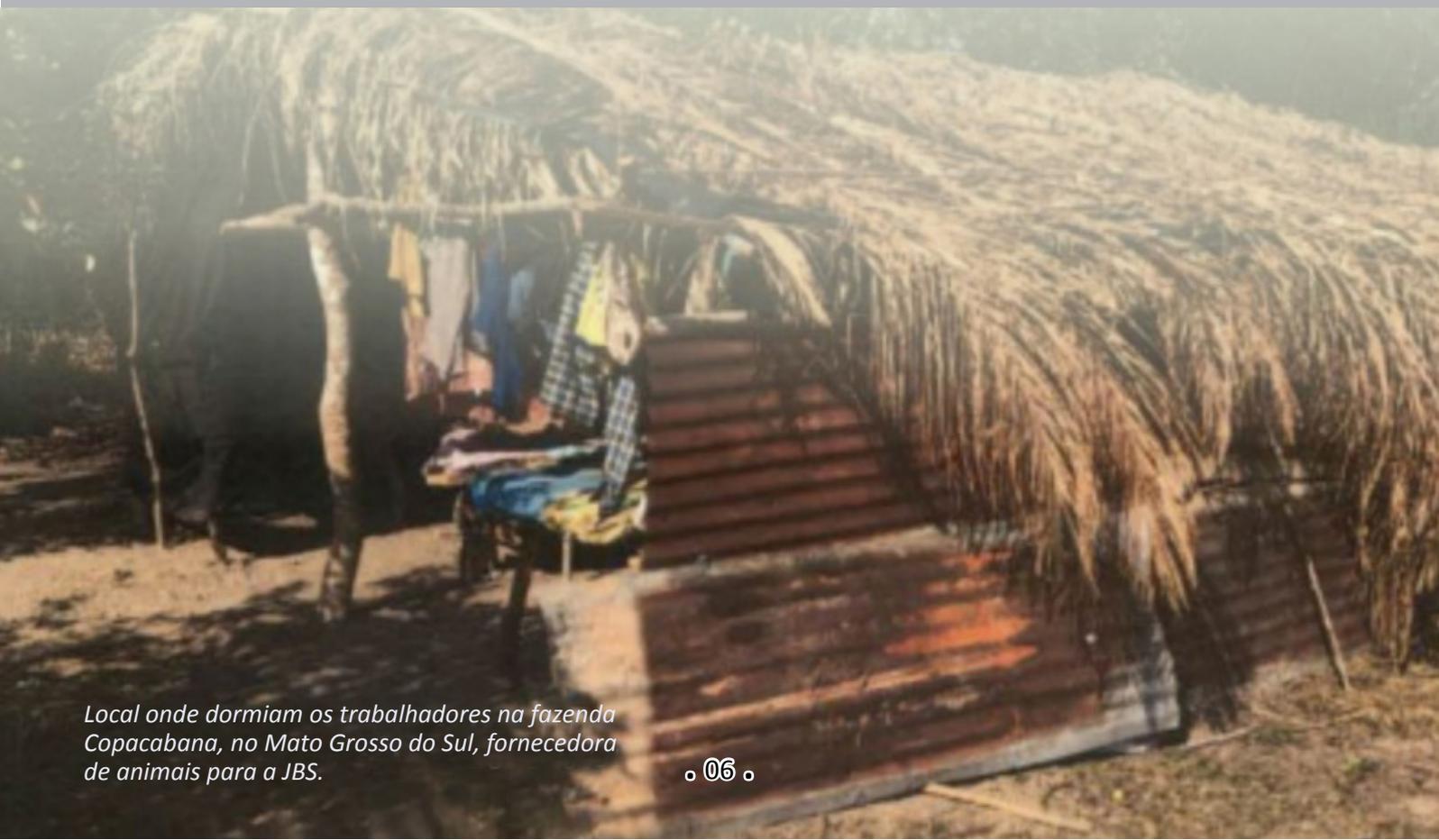
Caso exemplar disso é a JBS, o maior frigorífico brasileiro, dono de um longo histórico de fornecimento para o McDonald's no país<sup>19</sup>. A empresa possui fábricas de hambúrgueres em Campo Grande (MS), Lins (SP) e Osasco (SP).

As operações da JBS em Campo Grande já foram mencionadas em publicações sobre fazendas que utilizaram mão de obra escrava ou investigadas pelo uso ilegal de fogo no Pantanal. Um relatório da **Repórter Brasil** mostrou que, em 2019, o frigorífico comprou animais da Fazenda Copacabana, onde foram resgatados nove indígenas que trabalhavam em condições degradantes, instalados em barracos precários e sem acesso a água potável<sup>20</sup>.

Segundo outro relatório, publicado pelo Greenpeace Internacional, as operações da JBS no município também abateram gado de um fornecedor direto que anteriormente havia adquirido animais da Fazenda Bonsucesso, onde mais de 17,2 mil hectares foram incendiados em 2020<sup>21</sup>.

Os problemas que atingem as unidades processadoras de hambúrgueres não se limitam ao gado abatido localmente. Isso porque essas indústrias também podem utilizar matéria-prima trazida de outros frigoríficos distantes. A própria JBS possui mais de trinta abatedouros espalhados pelo país. Boa parte deles está na Amazônia.

Outra investigação da **Repórter Brasil** revelou que, entre 2018 e 2019, unidades da JBS nos municípios de Juína e Juara, na Amazônia mato-grossense, compraram gado de um pecuarista dono de áreas embargadas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). A venda dos animais era realizada por uma fazenda “ficha limpa”, para onde foram enviados, antes do abate, milhares de animais criados na fazenda desmatada ilegalmente<sup>22</sup>. Não é um caso isolado. Estratégias semelhantes de transferência de animais foram empregadas por outros dois pecuaristas que enviaram gado para a JBS em Confresa (MT), entre 2017 e 2020<sup>23</sup>.



*Local onde dormiam os trabalhadores na fazenda Copacabana, no Mato Grosso do Sul, fornecedora de animais para a JBS.*

## LAVAGEM DE GADO

## E INVASÃO DE

## TERRAS

## INDÍGENAS

Principal concorrente da JBS, a Marfrig é outra empresa habilitada a abastecer o McDonald's<sup>24</sup>. Em 2019, a Marfrig adquiriu uma fábrica do produto em Várzea Grande (MT), e tem planos para inaugurar, em 2022, uma nova unidade de processamento em Bataguassu (MS).

Em 2019 a planta de Várzea Grande adquiriu centenas de animais de um pecuarista que já foi multado duas vezes por desmatamento ilegal, de acordo com outra investigação publicada pela **Repórter Brasil**<sup>25</sup>. Ele transferiu gado da Fazenda Amor do Aripuanã, em Aripuanã (MT), onde ocorreu o ilícito, para a Fazenda Rio Azul, sem pen-

dências ambientais. Esta última, por sua vez, enviou gado para o frigorífico.

Os animais da Fazenda Rio Azul também foram comprados pelo abatedouro do frigorífico Minerva em Mirassol D'Oeste (MT). Trata-se de outra empresa que menciona o McDonald's como cliente em seus relatórios corporativos<sup>26</sup>.

Em 2019 e 2020, outra unidade da Minerva, em Araguaína (TO), abateu gado de uma propriedade que comprava animais para engorda da Fazenda 4 de Outubro, onde foi flagrado um caso de trabalho escravo em 2017<sup>27</sup>. O mesmo frigorífico recebeu bois de um outro pecuarista que teve áreas embargadas por desmatamento ilegal. Em registros fundiários, ele "dividiu" as suas pastagens na região como se fossem fazendas distintas que fazem fronteira entre si. A prática ajuda a "driblar" as políticas de compra de frigoríficos comprometidos em não adquirir gado de fazendas com áreas embargadas<sup>28</sup>.

Já em Tucumã (PA), a **Repórter Brasil** identificou que um frigorífico da

Marfrig abateu animais de fazendeiros com propriedades localizadas ilegalmente dentro da Terra Indígena Apyterewa<sup>29</sup>, a segunda mais desmatada na Amazônia em 2020. Um deles, além da fazenda dentro do território indígena, possuía uma área de pastagem menor nas proximidades. Ele registrou a venda de centenas de animais para o abate a partir dessa fazenda "ficha limpa", apesar de o seu tamanho ser incompatível com a manutenção de uma quantidade tão grande de animais. A situação levanta suspeitas sobre eventuais fraudes documentais para "lavar" o gado e mascarar sua real origem.

JBS, Marfrig e Minerva foram procurados pela **Repórter Brasil** em diversas ocasiões para se posicionarem sobre os diversos problemas verificados em suas redes de fornecimento. As empresas alegam que não existem, até o momento, dados públicos disponíveis para garantir o monitoramento dos fornecedores indiretos ou mesmo coibir satisfatoriamente práticas relacionadas à "lavagem de gado"<sup>30</sup>.

## CAFÉ: AGROTÓXICOS E LONGAS JORNADAS

O Brasil é o maior produtor e exportador mundial de café. Em 2020, foi responsável por quase 40% da produção mundial do grão<sup>31</sup>. São números que colocam o país em posição de destaque nas cadeias produtivas de empresas globais que atuam na venda do produto – entre elas o McDonald's.

Apesar de ser referência mundial, o setor ainda é, no Brasil, permeado por irregularidades trabalhistas – especialmente na época da colheita, que é

muito intensiva no uso de mão de obra. Trabalhadores submetidos a condições precárias e até mesmo casos de trabalho escravo são registrados praticamente todos os anos em fiscalizações do governo federal.

Entre 2010 e setembro de 2021, auditores-fiscais do governo federal resgataram 1.674 trabalhadores submetidos a condições análogas à escravidão no cultivo do café<sup>32</sup>. A informalidade é um problema ainda mais abrangente no se-

tor. Não há estatísticas oficiais a respeito, mas estimativas de 2014 apontavam que 60% da mão de obra em fazendas de café trabalhava sem carteira assinada<sup>33</sup>. São trabalhadores alijados de direitos trabalhistas básicos garantidos por lei, como limites de horas trabalhadas, garantia de pagamento do salário mínimo e contribuições previdenciárias patronais para a aposentadoria.

## A APOSTA DO MC DONALD'S EM CERTIFICAÇÃO

Para lidar com essa realidade, o McDonald's afirma que 98,1% do café em grão ou moído utilizados pela marca têm origem em fontes que a empresa qualifica como sustentáveis<sup>34</sup>. Este resultado seria alcançado principalmente por meio da compra de cafés certificados pelos maiores selos de boas práticas para o setor<sup>35</sup>.

Tais certificações têm como objetivo central garantir, em fazendas fornecedoras, a adoção de padrões elevados de respeito ao meio ambiente, às leis trabalhistas e aos direitos humanos. A realização de auditorias periódicas nos cafezais, por empresas de certificação independentes, é a principal ferramenta para o cumprimento desses princípios.

Em 2020, restaurantes da rede em países como Estados Unidos<sup>36</sup>, França<sup>37</sup>, Canadá<sup>38</sup>, Reino Unido<sup>39</sup>, Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, Costa Rica,

México, Colômbia<sup>40</sup> e a região autônoma de Hong Kong<sup>41</sup> atingiram a marca de 100% de fornecimento de café de fazendas certificadas pela Rainforest Alliance – que é, atualmente, o mais abrangente selo de boas práticas para o setor. Além disso, o McDonald's também possui um programa de sustentabilidade próprio, o McCafé SIP, criado em 2016. Segundo dados de 2020, mais de 6 mil produtores de café da América do Sul e Central participam do programa<sup>42</sup>.

O McDonald's conta com diversos fornecedores de café ao redor do mundo, sendo a venda de cafés certificados disseminada em seus principais mercados. Na França, por exemplo, a rede informa que o café vendido em suas lojas é feito com grãos da América Central ou do Brasil 100% provenientes de fazendas verificadas pela Rainforest Alliance<sup>43</sup>.

## O CASO SEGAFREDO

Na Europa, a multinacional italiana Segafredo é uma das principais torrefadoras responsáveis pela fabricação

dos cafés vendidos pelo McDonald's, segundo registros dos sites da corporação na Alemanha<sup>44</sup>, França<sup>45</sup>, Holanda<sup>46</sup>, Bélgica<sup>47</sup> e Finlândia<sup>48</sup>.

A Segafredo, que pertence ao grupo italiano Massimo Zanetti, possui plantas de torrefação em diversos países da Europa<sup>49</sup>. Em 2015, o grupo recebeu um prêmio do McDonald's relacionado ao trabalho realizado por três subsidiárias distintas – França, Alemanha e Itália – na preparação dos cafés que abastecem as lojas locais da rede<sup>50</sup>. Diversas notícias na mídia europeia mencionam a parceria entre a Segafredo e a rede de fast food em ao menos 16 países do continente<sup>51</sup>.

No Brasil, o grupo Massimo Zanetti é dono da Nossa Senhora da Guia Exportadora de Café Ltda, uma trading que atua na compra e na venda de cafés verdes. Esta empresa, por sua vez, também controla uma área de produção própria, a Fazenda Nossa Senhora da Guia, no município de Pimenta (MG). A propriedade possui 1,4 mil hectares dedicados ao cultivo de café.



# AGROTÓXICOS E VIOLAÇÕES TRABALHISTAS

A propriedade do grupo Segafredo foi certificada pela Rainforest Alliance até meados de 2020, mas perdeu o selo após uma auditoria realizada em julho daquele ano. Segundo um resumo da inspeção, ao qual a **Repórter Brasil** teve acesso, foram constatados o descumprimento de quatro critérios considerados obrigatórios para a manutenção do selo – os chamados “critérios críticos”. Entre as inconformidades identificadas estavam a aplicação de “substâncias listadas como de risco para vida aquática e silvestre” em áreas não permitidas e a aplicação de “pesticidas em culturas próximas a áreas de atividade humana” sem barreiras vegetais para proteção. Além disso, segundo a auditoria, “não foi possível evidenciar que os trabalhadores em sua totalidade são tratados com respeito e em nenhuma circunstância são objeto de assédio e abuso sexual”.

Meses antes, uma reportagem publicada pela **Repórter Brasil** já havia alertado para a existência de pro-

blemas trabalhistas na fazenda<sup>52</sup>. Em agosto de 2019, a propriedade recebeu duas multas trabalhistas do governo federal por desrespeitar o limite de jornada de trabalho exigidos por lei, bem como o tempo mínimo de descanso dos funcionários. Além disso, segundo fontes locais ouvidas pela reportagem, funcionários haviam sido demitidos naquele ano por reivindicar aumento salarial e melhorias nas condições de trabalho – acusações refutadas pela administração da fazenda<sup>53</sup>.

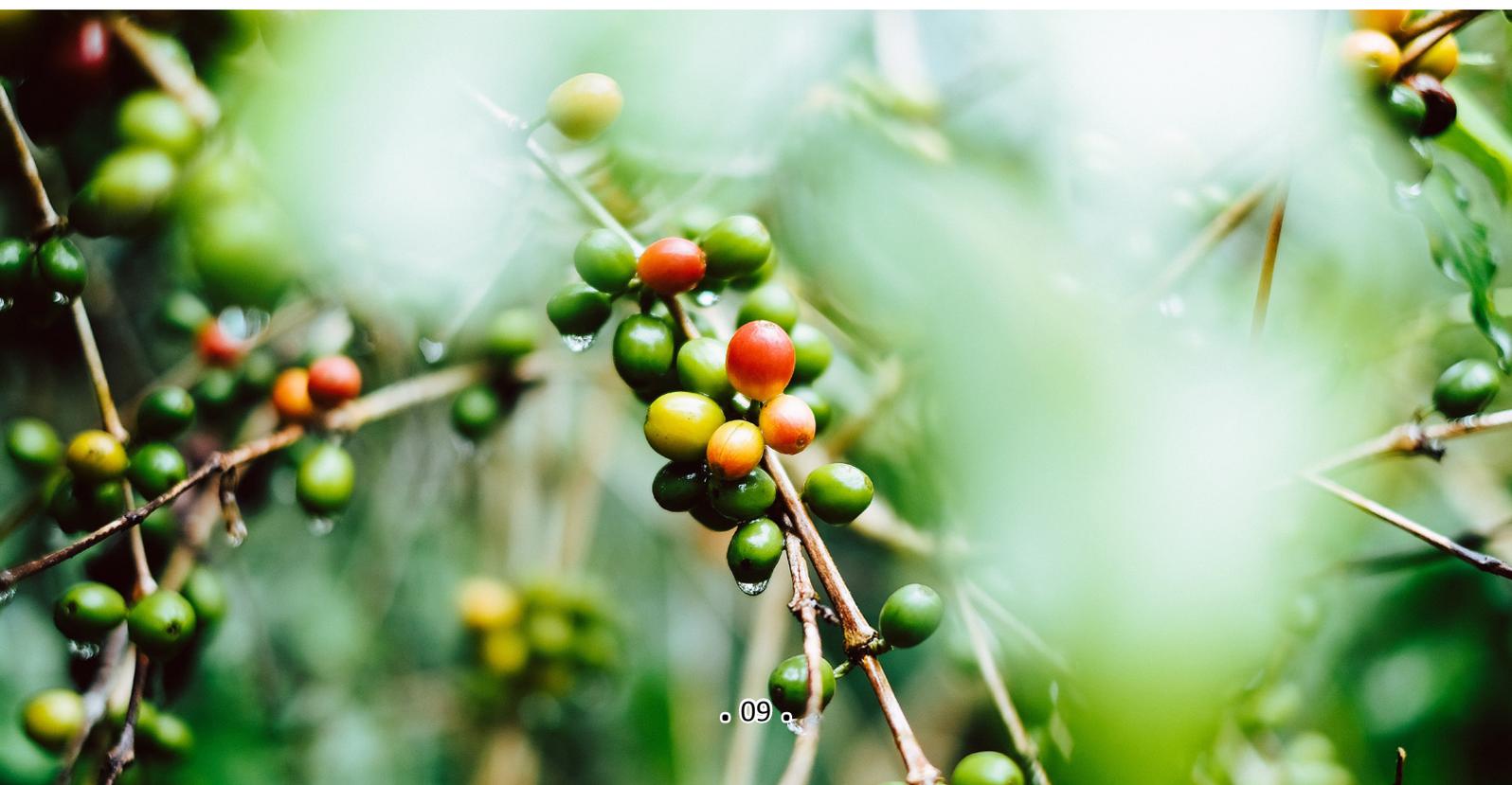
A Fazenda Nossa Senhora da Guia obteve o certificado da Rainforest Alliance em 2017. Já naquela ocasião, uma auditoria realizada pelo selo havia constatado que “os horários de trabalho, os períodos de descanso dentro da jornada de trabalho diária e os dias de descanso” não cumpriam completamente com os requisitos da certificação, e que a propriedade não possuía “políticas e procedimentos em relação às exigências e atribuições de horas extras” que estivessem em conformidade com os requisitos da norma. Os problemas, no entanto, eram passíveis de correção, a serem verificadas em auditorias futuras.

Atualmente, a fazenda é ré em ao menos 30 processos judiciais – quase

todos tramitam na Justiça do Trabalho. Desse total, 16 processos tiveram início nos últimos cinco anos. A maioria envolve o desrespeito aos limites da jornada de trabalho, falta de pagamento das horas in itinere – relacionadas ao deslocamento dos trabalhadores para locais de difícil acesso – e ao pagamento do adicional de insalubridade devido ao manuseio de agrotóxicos.

Questionada pela **Repórter Brasil**, a Rainforest Alliance não forneceu detalhes do processo de retirada do selo. Afirmou apenas que “a fazenda Nossa Senhora da Guia perdeu a certificação recentemente após uma auditoria anual de acordo com a norma RA 2017”.

O grupo Massimo Zanetti, dono da Segafredo, também foi procurado. O objetivo era saber se o café produzido pela Fazenda Nossa Senhora da Guia já teria abastecido lojas do McDonald’s na Europa e, caso positivo, quando teria sido a última vez em que isso ocorreu. O grupo italiano não respondeu. Limitou-se a informar que, “nos últimos três anos, o percentual de café da Fazenda Nossa Senhora da Guia (NSG) vendido ao McDonald’s foi igual a zero”<sup>54</sup>, e que todo o café fornecido pela Segafredo ao McDonald’s é certificado pela Rainforest Alliance.



# LARANJA: TRABALHO PRECÁRIO NA COLHEITA

Assim como ocorre nas fazendas de café, a colheita da laranja também é palco frequente de violações trabalhistas no Brasil. Safra após safra, denúncias de trabalho precário ou até mesmo escravo são registradas o setor.

Em larga medida, colhedores de laranja são migrantes internos vindos de regiões distantes das lavouras. São contratados por temporada para colher sazonalmente as frutas, em jornadas caracterizadas por imensos esforços físicos. Precisam subir em escadas precárias para alcançar as frutas no pomar; carregam nas costas, durante horas e horas, sacos com dezenas de quilos de laranjas colhidas.

Este grande esforço ocorre frequentemente em condições climáticas extremas. Às vezes sob chuva torrencial, muitas vezes sob calor extenuante. Em muitos casos inexistente acesso a água potável e lugares adequados para as

refeições ou para armazenar a comida de forma que não estrague. Ao fim da jornada, muitos trabalhadores estão sujeitos a condições insalubres nos alojamentos fornecidos pelo empregador. São comuns casos de dormitórios lotados, sujos e sem banheiros disponíveis.

O Brasil é o principal exportador mundial de laranja. Trabalhadores e pequenos produtores ficam com menos de 5% dos valores pagos por essas exportações pelos consumidores de países ricos<sup>55</sup>.

**ITEM IGNORADO**

**ENTRE OS**

**PRODUTOS**

**PRIORITÁRIOS**

A rede McDonald's vende produtos prontos a base de laranja, como sucos e refrigerantes, fornecidos por marcas parceiras. Por não ser considerado um produto prioritário, como o café, a soja e a carne de gado, não há menção a estratégias de monitoramento socioambiental específicas para a fruta nos relatórios companhia. O relatório de sustentabilidade da rede na Alemanha, por exemplo, menciona apenas a compra de 1.128 toneladas de laranja em 2020<sup>56</sup>.

Em diversos países, o suco de laranja vendido pelo McDonald's é fabricado pela The Coca-Cola Company, dona da marca de sucos Minute Maid, uma das mais presentes nos restaurantes da rede. Diversas fontes confirmam que a empresa brasileira Sucocítrico Cutrale é a principal fornecedora global de suco de laranja para a Coca-Cola.<sup>57</sup>





## PRECARIZAÇÃO,

## MULTAS E

## TRABALHO

## ESCRAVO

Em agosto de 2021, a **Repórter Brasil** realizou entrevistas com colhedores de laranja da Cutrale na região de Araraquara (SP). Eles expuseram uma série de precarizações e violações trabalhistas ocorridas em fazendas da empresa.

Desde 2019, segundo relataram, a Cutrale cortou o vale-alimentação dos trabalhadores safristas, que garantia um acréscimo de R\$ 240 nos salários. Assim como no caso do café, os trabalhadores temporários, contratados entre maio e fevereiro, também deixaram de receber pelas horas gastas no deslocamento às fazendas, as chamadas horas in itinere.

Daniel<sup>58</sup>, de 52 anos, trabalha há três em fazendas da empresa na região de Araraquara. Na safra deste ano, relata ter recebido, em média, R\$ 1.300 mensais. Há dois anos, quando os dois benefícios ainda eram vigentes, o salário chegava a R\$ 1.800, uma diferença de quase 30%. Os trabalhadores relataram falta de equipamentos de proteção individual (EPIs) e de banheiros nos campos, bem como a demissão de safristas mulheres após a comunicação de gravidez.

Mãe de quatro filhos, Maria<sup>59</sup> não atua mais em fazendas da Cutrale desde agosto deste ano. Após três meses registrada como safrista, ela descobriu uma gravidez e levou a informação à empresa. A legislação brasileira garante estabilidade provisória no emprego por até cinco meses após o parto<sup>60</sup>. A demissão só ocorre legalmente se houver justa causa.

“Eu engravidei trabalhando lá”, diz Maria. “Mande o exame, eles mandaram eu ficar em casa por conta da pandemia, e depois eu fui demitida”. A trabalhadora afirma não ter sido a única. “Eu conheço outra colega que ficou grávida e foi mandada embora com 7 meses [de gestação]”.

Ao relato dos trabalhadores somase a uma longa lista de denúncias sobre violações trabalhistas nas fazendas da empresa. Em fevereiro de 2013, a Cutrale foi condenada em R\$ 500 mil, a título de dano moral coletivo, por demitir funcionárias gestantes, considerada uma ação discriminatória. À época, a empresa negou as acusações e recorreu da decisão<sup>61</sup>.

A fornecedora da Coca-Cola também fora condenada por realizar revistas ilegais em funcionários das indústrias e das fazendas. Em 2018, uma condenação na Justiça do Trabalho de Araraquara gerou multa de R\$ 2 milhões de indenização por danos morais coletivos. A Cutrale, que recorreu da decisão, disse em nota à época que “em alguns casos, infelizmente faz-se necessária a conferência visual dos pertences dos funcionários ao final do expediente para proteger o patrimônio da empresa”<sup>62</sup>.

A prática, segundo relataram os trabalhadores, permanece. Todos os dias, após o fim da jornada, os encarregados da fazenda vistoriam os pertences de cada trabalhador antes de subir no ônibus que levará a turma de volta para casa. “Todo o dia tem que abrir a mochila e mostrar para o encarregado o que tem dentro”, conta Daniel.

Em 2013, a Cutrale chegou a ser alvo de um flagrante de trabalho escravo<sup>63</sup>. O crime foi identificado por auditores-fiscais do governo federal nas fazendas Vale Verde e Pontal, em municípios do Triângulo Mineiro. Os 23 trabalhadores resgatados na colheita da laranja estavam alojados em con-

dições precárias, não tinham direito a descanso semanal remunerado e, em alguns casos, precisaram se endividar para comprar alimentos e itens de higiene.

Desde 2016, já foram realizadas 133 ações de fiscalização em fazendas da Cutrale, segundo levantamento realizado por auditores da Secretaria Especial de Previdência e Trabalho do Ministério da Economia a pedido da **Repórter Brasil**. A lista de infrações em propriedades da empresa mostra que, desde 2015, a maior parte das multas ocorre pelo desrespeito à NR-31 – a principal Norma Regulamentadora de Segurança e Saúde no meio rural brasileiro –, com 71 registros, e às regras de descanso e jornada de trabalho, com 12 e 11 autuações, respectivamente.

Além de cultivar laranjas em fazendas próprias, a Cutrale também compra a fruta de fornecedores independentes para abastecer suas fábricas. Alguns deles possuem igualmente histórico de más condições de trabalho. Em 2019, a Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo (Feraesp) denunciou problemas diversos em um condomínio de fazendas fornecedoras da Cutrale. Entre outras ilegalidades, a entidade destacou pagamentos abaixo do salário mínimo, trabalho infantil e colhedores sem acesso a equipamentos de segurança, banheiro ou água potável<sup>64</sup>.

Durante um mês, a **Repórter Brasil** entrou em contato diversas vezes com o setor de assessoria de imprensa da Cutrale por telefone e e-mail, apresentou as denúncias dos trabalhadores e esperou um posicionamento da empresa, que não respondeu. A The Coca-Cola Company foi questionada se as violações trabalhistas denunciadas pelos trabalhadores da Cutrale não feririam os códigos de conduta e de respeito aos direitos humanos da companhia.

A empresa se limitou a dizer que os acordos contratuais estabelecidos com os fornecedores incluem o respeito aos Princípios Orientadores de Fornecedores<sup>65</sup> (Supplier Guiding Principles ou SGP, na sigla em inglês). “Esperamos

que os nossos fornecedores desenvolvam e implementem processos empresariais internos adequados em conformidade com SGP”.

A companhia também afirmou que contrata auditorias independentes

para avaliar a conformidade dos seus fornecedores. “Em 2020, concluímos 2.279 auditorias, e 87% dos fornecedores atingiram a conformidade com a nossa Política de Direitos Humanos e SGP”.

## SOJA: DESMATADORES CERTIFICADOS

Mesmo que não seja diretamente consumida em grandes quantidades, a soja é um componente essencial da alimentação humana. Isso porque, em vários contextos e lugares, ela se tornou um ingrediente fundamental na dieta dos animais criados para a produção de carne bovina, frangos, porcos, ovos e laticínios.

Cerca de 80% da soja produzida mundialmente é utilizada como ração animal<sup>66</sup>. O Brasil, juntamente com os

Estados Unidos, é o principal celeiro mundial do produto. Ano após ano, ambos os países respondem consistentemente por mais de 70% das exportações globais<sup>67</sup>.

A notável expansão da área plantada com soja no Brasil, intensificada nas últimas décadas, incentivou a conversão direta e indireta de florestas nativas em áreas agrícolas. Para lidar com essa realidade, grandes empresas globais de alimentos – entre elas o McDonald’s<sup>68</sup>

– passaram a apoiar iniciativas como a Moratória da Soja, que veta a aquisição de grãos plantados em áreas de bioma amazônico após 2008.

É o Cerrado, no entanto, o bioma mais afetado pela expansão da soja no Brasil. Apesar de defendida por diversas ONGs, a expansão dos princípios da Moratória da Soja também para este bioma segue no plano das ideias.



## OS "CRÉDITOS SUSTENTÁVEIS" DO MCDONALD'S

Toda a soja utilizada pelo McDonald's na ração de frangos, diz a empresa, apoia cadeias produtivas livres de desmatamento. A principal medida adotada, nesse contexto, é a compra de "créditos sustentáveis" de soja.

Trata-se de um mecanismo de compensação similar à venda de créditos de carbono. O McDonald's adquire soja livremente no mercado e realiza uma estimativa da sua "pegada ecológica" no setor – incluindo a área total cultivada para abastecer seus restaurantes e a perda de cobertura florestal associada a essa área. A partir desse cálculo, compra créditos equivalentes de produtores certificados pela Roundtable on Responsible Soy – RTRS, na sigla em inglês, ou Associação Internacional de Soja Responsável, na tradução para o português.

As fazendas certificadas pela RTRS precisam cumprir 106 indicadores obrigatórios e de implantação progressiva. Estão ligados à adoção de boas práticas agrícolas e empresariais, além critérios de boa governança ambiental, trabalhista e de relações com a comunidade.

Segundo o McDonald's, 83% das compras de soja da rede são compensadas através de créditos RTRS. Os outros 17% representam compras de soja associadas a outra certificação, a ProTerra – utilizada especialmente para abastecer a rede de restaurantes na Europa<sup>69</sup>.

Diferentemente do que ocorre na aquisição de "créditos sustentáveis", neste caso o McDonald's adquire frangos alimentados com a soja especificamente plantada nas áreas certificadas. Além de boas práticas socioambientais, o plantio de soja não-transgênica é outro critério obrigatório para a ProTerra.

As duas certificações – RTRS e ProTerra – possuem critérios que vetam a expansão do plantio de soja em áreas de desmatamento recente. No caso da RTRS, as fazendas certificadas não podem ter nenhum registro de conversão de matas nativas após junho de 2016. Entre maio de 2009 e esta data, o desmatamento é vedado apenas nas áreas classificadas como "focos críticos para a biodiversidade" – territórios que, de acordo com os mapas da RTRS, concentram-se principalmente no bioma amazônico, mas deixam vastas porções do Cerrado brasileiro de fora<sup>70</sup>.

No caso da ProTerra, as fazendas certificadas não podem ter nenhuma área de vegetação nativa desmatada ou convertida em áreas agrícolas depois de 2008<sup>71</sup>.

## O CASO SLC AGRÍCOLA

Em março de 2018, a Fazenda Panorama, propriedade da empresa SLC Agrícola na região Oeste da Bahia, recebeu uma visita de representantes do McDonald's, intermediada pela Cargill – Informação que foi postada nas redes sociais da SLC<sup>72</sup>. Segundo a companhia agrícola brasileira, a visita estava relacionada à aquisição de soja RTRS pelo McDonald's.

A trading norte-americana Cargill, empresa líder no comércio global de alimentos, é uma das principais parceiras comerciais da rede de restaurantes. Além de fornecedora de soja, a empresa também produz frangos vendidos pela rede. Na França, a unidade da Cargill de Saint-Cyr-en-Val, no centro do país, é a principal fornecedora de frangos para o McDonald's desde 1993.

A Cargill é também a principal compradora de soja da SLC Agrícola, uma das maiores produtoras do grão no Brasil<sup>73</sup>. Fundada em 1977, a SLC Agrícola tem capital aberto na principal

Bolsa de Valores do Brasil (B3). Possui 16 fazendas em seis estados brasileiros, que totalizaram 448 mil hectares no ano-safra 2019/20 – sendo 125 mil de algodão, 235 mil de soja, 82 mil de milho e 5 mil de outras culturas<sup>74</sup>.

De acordo com informações repassadas pela SLC Agrícola à **Repórter Brasil**, ao todo sete das 16 propriedades do grupo possuem certificação RTRS: Planorte (MT), Paiaguás (MT), Planalto (MS), Pamplona (GO), Panorama (BA), Planeste (MA) e Parnaíba (MA). Na safra 2019/2020, o escopo da certificação abrangeu uma área plantada de cerca de 30 mil hectares<sup>75</sup>.

As propriedades Planorte, Paiaguás, Parnaíba e Planeste também possuíam, até recentemente, o selo de certificação ProTerra. O certificado das propriedades não foi renovado, segundo respondeu a ProTerra à **Repórter Brasil**. A data da perda do certificado e o motivo para a não renovação do selo, no entanto, não foram esclarecidos (mais informações abaixo).

## DESMATAMENTO NO CERRADO

Nos últimos 15 anos, a SLC Agrícola foi alvo de diversas autuações ambientais, com multas que somam mais de R\$ 10 milhões – aproximadamente USD\$ 2 milhões, de acordo com a cotação atual. Os problemas identificados incluem plantar milho transgênico em terras limítrofes a áreas de proteção ambiental (2018), desmatar espécies protegidas (2017), plantar soja em áreas embargadas por crimes ambientais (2015) e realizar desmatamento ilegal (2007 e 2008)<sup>76</sup>.

As fazendas da SLC Agrícola estão localizadas, em sua maioria, no Cerrado brasileiro – o bioma mais impactado pelo desmatamento relacionado à expansão da soja. Relatórios produzidos pela organização Chain Reaction Research apontam uma grande perda de cobertura florestal ocorrida em áreas da SLC Agrícola na última década, na ordem de 210 km<sup>2</sup>, entre 2015 e 2020<sup>77</sup>.

Uma das áreas desmatadas está dentro da Fazenda Palmeira, no município de Tasso Fragoso (MA). Somente no primeiro semestre de 2020, a em-

presa desmatou 4,6 mil hectares na propriedade, que também foi palco de queimadas em setembro de 2019<sup>78</sup>.

A Fazenda Palmeira, inaugurada em outubro de 2018, foi criada a partir de um desmembramento da Fazenda Parnaíba, uma das propriedades com histórico de certificação tanto RTRS quanto ProTerra. O objetivo, segundo a Chain Reaction Research, era manter o desmatamento planejado fora do escopo de ambas as certificações, que restringem a expansão do plantio em áreas de desmatamento recente<sup>79</sup>.

A situação envolvendo o desmembramento da área certificada foi mencionado como um exemplo de “greenwashing” em um relatório publicado em março pelo Greenpeace, questionando práticas de certificações ambientais<sup>80</sup>.

Segundo fontes locais ouvidas pela **Repórter Brasil**, o desmatamento ocorrido na Fazenda Palmeira afetou comunidades próximas à propriedade.



Com a retirada da cobertura vegetal, a lama gerada após as chuvas no alto da Serra do Penitente, onde estão localizadas as fazendas Palmeira e Parnaíba, desceu e contaminou o rio que banha uma das comunidades da região e que é a principal fonte de água potável dos moradores.

Fontes locais também informaram que a SLC Agrícola mantém condutas antisindicais no local. Gerentes de propriedades da empresa no Maranhão, onde está localizada a Fazenda Planeste, teriam vetado a presença de representantes sindicais nas fazendas, além de terem desencorajado seus funcionários de permanecerem filiados aos sindicatos locais. A SLC Agrícola nega as acusações.

Além do caso envolvendo as fazendas Palmeira e Parnaíba, a Chain Reaction Research também mapeou o desmatamento de 5,2 mil hectares na Fazenda Parceiro, outra propriedade da SLC Agrícola – esta localizada no Oeste da Bahia. O desmate teria ocorrido no primeiro semestre de 2020<sup>81</sup>. Esta não é, no entanto, uma das propriedades certificadas da empresa.

Mas outros dois casos de desmate em propriedades certificadas foram identificados em auditoria realizada em julho de 2019 para avaliar o cumprimento do padrão RTRS<sup>82</sup>. Segundo o relatório da auditoria, nas áreas arrendadas da fazenda Paiaguás e Parnaíba, ambas localizadas no Cerrado, foram feitas aberturas após 2009. Porém tais áreas não eram consideradas “focos críticos para a biodiversidade” – fato que permite,

segundo os critérios do selo, o desmatamento na data ocorrida (mais detalhes abaixo).

## OUTRO LADO

A SLC Agrícola reforçou que a divisão realizada entre as fazendas Palmeira e Parnaíba foi uma decisão gerencial, para melhorar o desempenho produtivo, e que “a abertura de áreas sempre foi feita estritamente de acordo com a legislação, com as devidas licenças e em acordo com o Código Florestal”.

A empresa afirma que as operações em suas áreas “são desenvolvidas de acordo com as melhores práticas agrícolas de conservação do solo” e que realiza suas atividades “mediante a manutenção e monitoramento de licenças dos órgãos cabíveis e não viola regras ou causa danos ao bioma”. Em relação aos impactos às comunidades citados acima, a companhia afirmou que “as práticas de cultivo e produção da SLC Agrícola acabam impactando positivamente nas regiões do entorno de suas fazendas, por meio de ações e projetos sociais relevantes, especialmente na área da educação” e que “adota um relacionamento aberto e transparente com todos os sindicatos que representam seus colaboradores”.

ProTerra informou que “não aprova qualquer divisão de uma propriedade certificada, por desmatamento legal ou ilegal” e que o fato “viola as regras e a certificação deve ser cancelada imediatamente após tal evento”. A organização, no entanto, não confirmou se a não renovação das certificações das

quatro propriedades da SLC Agrícola se deveu ao desmembramento das fazendas Parnaíba e Palmeira e às informações tornadas públicas sobre o desmatamento ocorrido na área.

Em relação a divisão das propriedades da SLC Agrícola no Sul do Maranhão, a RTRS explicou que, por a Fazenda Palmeira ter um Cadastro Ambiental Rural (CAR) diferente, “foi possível continuar a certificação da Fazenda Parnaíba sem incluir o polígono da Fazenda Palmeira”. Em termos práticos, isso significa que uma empresa pode manter a certificação dividindo fazendas desmatadas em duas propriedades rurais distintas.

Sobre o desmatamento verificado em auditorias nas fazendas Paiaguás e Parnaíba, a RTRS esclareceu que exige o desmatamento zero em qualquer área certificada – seja em áreas próprias ou arrendadas –, mas que possui duas datas limites para a não-conversão da vegetação natural. A primeira é maio de 2009 para áreas incluídas na categoria 1 da norma – também conhecidas como áreas vermelhas, que representam os territórios classificados pela RTRS como “focos críticos para a biodiversidade”. Já após 3 de junho de 2016, nenhum desmatamento de matas nativas é permitido, independentemente da categoria da área em questão.

“No caso específico das fazendas Paiaguás e Parnaíba, o produtor provou que as áreas arrendadas que foram desmatadas antes de 2016 não eram áreas vermelhas”, respondeu a organização.

# O QUE DIZ O MC DONALD'S

A **Repórter Brasil** encaminhou ao McDonald's informações sobre as violações trabalhistas, os casos de desmatamento e os demais impactos socioambientais abordados neste relatório. Também pediu detalhes à empresa sobre seu relacionamento comercial com empresas e selos de boas práticas citados nesta investigação.

Sobre a carne bovina vendida pela rede de restaurantes, perguntamos quais são as plantas frigoríficas brasileiras atualmente habilitadas como fornecedoras. Além disso, em vista dos exemplos descritos neste relatório, perguntamos quais são as ações do McDonald's para lidar com casos de trabalho escravo, desmatamento ilegal e outros crimes que envolvem, principalmente, o risco de contaminação da cadeia produtiva associado a fornecedores indiretos.

Em relação ao café vendido pela rede, indagamos se a empresa já adquiriu produtos cultivados na Fazenda Nossa Senhora da Guia, propriedade do mesmo grupo do seu fornecedor, a Segafredo. Também perguntamos se os problemas verificados na propriedade representariam uma violação do Código de Conduta do McDonald's.

De forma semelhante, perguntamos ao McDonald's se fazendas certificadas da SLC Agrícola fazem ou já fizeram parte da cadeia produtiva da empresa, e como as suas políticas avaliam o desmatamento ligado, direta ou indiretamente, a estas propriedades certificadas.

A rede de fast food não respondeu diretamente às perguntas. Encaminhou apenas o posicionamento que segue abaixo:

“Embora discordemos de algumas destas afirmações, estamos concentra-

dos na conservação das florestas e no apoio às pessoas e comunidades em todo o mundo que delas dependem. O McDonald's espera o cumprimento rigoroso do nosso Código de Conduta do Fornecedor e leva muito a sério as alegações de violações dos direitos humanos. Tomamos medidas para combater o trabalho forçado e apoiar cadeias de abastecimento sem desmatamento em todo o nosso sistema, comprometendo-nos a eliminar o desmatamento da nossa cadeia global de abastecimento até 2030 e a facilitar um programa de responsabilização no local de trabalho do fornecedor que apoie nossos parceiros na construção de capacidades nessas áreas por meio de treinamento e auditorias”.



# UM LONGO CAMINHO

Formalmente comprometido em eliminar o desmatamento de suas cadeias produtivas até 2030, o McDonald's ainda tem um longo caminho pela frente para cumprir este objeto e outros anunciados pela rede para combater crimes trabalhistas e de direitos humanos em seus negócios.

A venda de hambúrgueres feitos com carne brasileira é certamente um dos principais gargalos nesse contexto. Inexistem na cadeia produtiva da empresa mecanismos abrangentes para rastrear, do nascimento ao abate, a origem do gado que chega aos frigoríficos. Um problema que atinge em cheio a rede de fornecedores locais do McDonald's.

Mesmo dispondo de ferramentas para monitorar as fazendas de onde compram diretamente o gado, frigoríficos fornecedores do McDonald's seguem expostos ao risco de contaminação dos seus abates com crimes diversos, como o desmatamento ilegal, o trabalho escravo e a invasão de áreas indígenas. São problemas principalmente associados aos chamados "fornecedores indiretos", ou seja, os pecuaristas que encaminham animais jovens para a engorda final nas fazendas fornecedoras diretas dos abatedouros.

JBS, Marfrig e Minerva, todos com histórico recente de fornecimento ao McDonad's, anunciaram em 2020 metas de longo prazo para enfrentar o problema e avançar na plena rastreabilidade do rebanho. Os planos concretos

para tornar isso uma realidade, no entanto, carecem de detalhamento. Vale lembrar que a promessa não é nova. Há mais de dez anos os três frigoríficos são signatários de um Compromisso Público prevendo o monitoramento dos fornecedores indiretos<sup>83</sup>.

Para outros setores, como a soja e o café, o McDonald's adota a certificação de fornecedores como a principal estratégia para eliminar de seus negócios a associação com desmatamento em áreas críticas para a biodiversidade e outros problemas comuns dos dois segmentos, como o trabalho rural precário e crimes de direitos humanos em fazendas. A realidade da cadeia produtiva da empresa no Brasil, mais uma vez, evidencia as limitações dessas políticas.

Procurado pela **Repórter Brasil**, o McDonald's não respondeu objetivamente sobre a eventual compra de matéria-prima da Fazenda Nossa Senhora da Guia e da SLC Agrícola, empreendimentos que detinham certificações para o café e a soja, respectivamente, e ambos ligados à rede de fornecedores dos restaurantes da rede. Violações trabalhistas, práticas inadequadas no uso de agrotóxicos e desmatamento de matas nativas no Cerrado fazem parte da realidade documentada em suas fazendas durante fiscalizações governamentais, auditorias privadas e relatórios da sociedade civil.

Independentemente de ter adquirido ou não produtos destes empreendimentos específicos, os casos são exem-

plares sobre a persistência de graves problemas em fazendas detentoras dos principais selos de boas práticas utilizados pelo McDonald's.

No caso do café, foram registrados inclusive, nos últimos anos, casos de trabalho escravo em fazendas certificadas pela Rainforest Alliance<sup>84</sup> e pela UTZ<sup>85</sup>, cujas operações foram recentemente fundidas. Já no caso da soja, análises críticas associam ambas as certificações à prática de "greenwashing", a manipulação de registros fundiários visando permitir o desmatamento em fazendas certificadas pela RTRS e ProTerra.

O Brasil convive, ainda, com graves violações trabalhistas em cadeias produtivas sequer consideradas pelo McDonald's como prioritárias para monitorar os alimentos vendidos pela rede. É o caso da laranja, fruta que tem o país como principal produtor mundial. É também do Brasil que sai a maior parte do suco de laranja consumidos globalmente.

Motivos para uma maior preocupação com o setor não faltam. Especialmente tendo em vista que o suco de laranja vendido pelo McDonad's inclui marcas de terceiros abastecidas por indústrias brasileiras. As fazendas a elas associadas, por sua vez, possuem recorrente histórico de denúncias relacionadas a práticas abusivas na colheita da fruta.

# NOTAS

- 1 <https://corporate.mcdonalds.com/corpmcd/our-company/who-we-are.html>
- 2 <https://corporate.mcdonalds.com/content/dam/gwscorp/assets/investors/financial-information/Supplemental-Information/Restaurants%20by%20Country%202021.pdf>
- 3 <https://sec.report/Document/0000063908-22-000011/>
- 4 <https://corporate.mcdonalds.com/corpmcd/en-us/our-stories/article/FinancialNews.Q4-2021-earnings.html>
- 5 <https://corporate.mcdonalds.com/content/dam/gwscorp/assets/investors/financial-information/annual-reports/2020%20Annual%20Report.pdf>
- 6 <https://sec.report/Document/0000063908-22-000011/>
- 7 <https://corporate.mcdonalds.com/corpmcd/en-us/our-stories/article/FinancialNews.Q4-2021-results.html>
- 8 <https://ir.arcosdorados.com/company-overview/>
- 9 <https://www.worldatlas.com/articles/countries-with-the-most-mcdonald-s-restaurant.html>
- 10 <https://corporate.mcdonalds.com/corpmcd/our-purpose-and-impact/food-quality-and-sourcing/responsible-sourcing.html>
- 11 [http://www.inpe.br/cra/projetos\\_pesquisas/terraclass2014.php](http://www.inpe.br/cra/projetos_pesquisas/terraclass2014.php)
- 12 <https://corporate.mcdonalds.com/corpmcd/our-purpose-and-impact/our-planet/conserving-forests.html>
- 13 <https://sit.trabalho.gov.br/radar/>
- 14 <https://corporate.mcdonalds.com/corpmcd/our-purpose-and-impact/our-planet/sustainable-agriculture.html#footnoteOne>
- 15 Idem.
- 16 <https://corporate.mcdonalds.com/corpmcd/our-purpose-and-impact/our-planet/conserving-forests.html>

- 17 <https://corporate.mcdonalds.com/content/dam/gwscorp/scale-for-good/McDonaldsCommitmentOnForests.pdf>
- 18 <https://www.arcosdorados.com/brasil-conheca-o-que-o-mcdonalds-faz-na-pratica-pela-protecao-das-florestas/>
- 19 <https://jbs.com.br/wp-content/uploads/2020/05/ras-jbs-2019-eng-final.pdf>
- 20 [https://reporterbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Monitor-8\\_Trabalho-escravo-na-ind%C3%BAstria-da-carne.pdf](https://reporterbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Monitor-8_Trabalho-escravo-na-ind%C3%BAstria-da-carne.pdf)
- 21 [https://www.greenpeace.org.br/hubfs/Relatorio\\_Fazendo\\_Picadinho\\_do\\_Pantanal\\_2021.pdf](https://www.greenpeace.org.br/hubfs/Relatorio_Fazendo_Picadinho_do_Pantanal_2021.pdf)
- 22 <https://reporterbrasil.org.br/2020/07/47389/>
- 23 <https://reporterbrasil.org.br/wp-content/uploads/2021/02/fil%C3%A9-no-supermercado-PT-14-02.pdf>
- 24 <https://www.marfrig.com.br/pt/certificacoes/brasil>
- 25 <https://reporterbrasil.org.br/2020/09/como-a-morgan-stanley-esta-ligada-ao-desmatamento-na-amazonia/>
- 26 [https://www.minervafoods.com/wp-content/uploads/2021/04/MinervaFoods\\_RS2020\\_EN.pdf](https://www.minervafoods.com/wp-content/uploads/2021/04/MinervaFoods_RS2020_EN.pdf)
- 27 [https://reporterbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Monitor-8\\_Trabalho-escravo-na-ind%C3%BAstria-da-carne.pdf](https://reporterbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Monitor-8_Trabalho-escravo-na-ind%C3%BAstria-da-carne.pdf)
- 28 <https://reporterbrasil.org.br/wp-content/uploads/2021/02/fil%C3%A9-no-supermercado-PT-14-02.pdf>
- 29 <https://reporterbrasil.org.br/2020/06/boi-pirata-criado-em-terra-indigena-e-a-conexao-com-frigorificos-marfrig-frigol-mercurio/>
- 30 Os posicionamentos das empresas sobre os casos individuais citados neste relatório podem ser lidos nos links de referência para cada um deles.
- 31 <https://www.cecafe.com.br/dados-estatisticos/producao-mundial/>
- 32 <https://sit.trabalho.gov.br/radar/>
- 33 Informações do estudo “A produção de café no Brasil”, realizado em 2019 pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese).
- 34 <https://corporate.mcdonalds.com/corpmcd/our-purpose-and-impact/impact-strategy-and-reporting/performance-reports.html>
- 35 <https://corporate.mcdonalds.com/corpmcd/our-purpose-and-impact/food-quality-and-sourcing/responsible-sourcing.html>

- 36** <https://corporate.mcdonalds.com/corpmcd/en-us/our-stories/article/ourstories.coffee-sustainable.html>
- 37** <https://www.mcdonalds.fr/web/guest/restaurant/espaces-mccafe>
- 38** <https://www.comunicaffe.com/mcdonalds-to-serve-rainforest-certified-coffee-in-its-canadian-mccafes/>
- 39** <https://www.mcdonalds.com/gb/en-gb/good-to-know/about-farming/coffee.html>
- 40** <https://www.rainforest-alliance.org/pt-br/acoes-cotidianas/a-receita-da-arcos-dorados-para-um-futuro-mais-sustentavel/>
- 41** <https://www.marketing-interactive.com/mcdonalds-hk-sources-rainforest-alliance-certified-coffee-beans>
- 42** <https://corporate.mcdonalds.com/corpmcd/en-us/our-stories/article/Forests.sustainable-coffee.html>
- 43** <https://m.mcdonalds.fr/web/guest/restaurant/espaces-mccafe>
- 44** <https://www.mcdonalds.com/de/de-de/unsere-verantwortung/qualitaet-lieferkette/lieferanten/portraet-segafredo.html>
- 45** <https://m.mcdonalds.fr/web/guest/restaurant/espaces-mccafe>
- 46** <https://web.archive.org/web/20200618173818/https://www.mcdonalds.nl/koffiebackup4>
- 47** <https://www.mcdonalds.be/fr/notre-menu/espresso>
- 48** <https://meira.fi/en/segafredo-coffee-to-be-served-in-mcdonalds-restaurants-in-finland/>
- 49** <http://www.mzb-group.com/en/activities/roasted-coffee-roasting-plants>
- 50** <http://www.mzb-group.com/en/news/communications/dettaglio/2015-02-18-mcdonalds-award-for-segafredo-zanetti-france-deutschland-and-italy>
- 51** <https://meira.fi/en/segafredo-coffee-to-be-served-in-mcdonalds-restaurants-in-finland/> / <https://www.mcdonalds-kinderhilfe.org/unternehmen-als-spender/segafredo-zanetti-kaffeepause-fuer-die-familien/>
- 52** <https://reporterbrasil.org.br/2019/12/fazenda-que-fornece-a-grupo-dono-da-segafredo-corta-cantina-e-pagamento-de-deslocamento-do-trabalhador/>
- 53** O posicionamento detalhado da administração da fazenda está disponível na reportagem: <https://reporterbrasil.org.br/2019/12/fazenda-que-fornece-a-grupo-dono-da-segafredo-corta-cantina-e-pagamento-de-deslocamento-do-trabalhador/>

- 54** “In the last three years the percentage of coffee from Fazenda Nossa Senhora da Guia (NSG) sold to McDonald’s has been equal to zero.”
- 55** <https://reporterbrasil.org.br/wp-content/uploads/2021/03/Da-fazenda-brasileira-para-a-mesa-europeia-PT.pdf>
- 56** [https://www.mcdonalds.com/content/dam/de/unsere-verantwortung/Nachhaltigkeitsbericht/PDF/Nachhaltigkeitsbericht\\_2020\\_Daten\\_Fakten.pdf](https://www.mcdonalds.com/content/dam/de/unsere-verantwortung/Nachhaltigkeitsbericht/PDF/Nachhaltigkeitsbericht_2020_Daten_Fakten.pdf)
- 57** <https://www.coca-colacompany.com/content/dam/journey/us/en/reports/coca-cola-business-and-sustainability-report-2019.pdf> / <https://investors.coca-colacompany.com/filings-reports/all-sec-filings/content/0000021344-21-000008/0000021344-21-000008.pdf>
- 58** Nome fictício, para proteger a identidade do trabalhador
- 59** Idem.
- 60** [https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/ADC1988\\_08.09.2016/art\\_10\\_.asp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/ADC1988_08.09.2016/art_10_.asp)
- 61** <http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2013/02/justica-condena-cutrale-pagar-r-500-mil-por-discriminar-gravidas-araraquara.html>
- 62** <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2018/09/10/cutrale-e-condenada-a-pagar-r-2-milhoes-de-indenizacao-por-revistar-funcionarios.ghtml>
- 63** <https://reporterbrasil.org.br/2017/10/lista-da-escravidao-nao-divulgada-pelo-governo-contem-gigantes-da-agroindustria/>
- 64** <https://reporterbrasil.org.br/2019/03/convenio-que-fornecia-laranja-para-a-cutrale-e-denunciado-por-mas-condicoes-de-trabalho/>
- 65** <https://www.coca-colacompany.com/policies-and-practices/supplier-guiding-principles>
- 66** [https://wwf.panda.org/discover/our\\_focus/food\\_practice/sustainable\\_production/soy/](https://wwf.panda.org/discover/our_focus/food_practice/sustainable_production/soy/)
- 67** <https://www.fas.usda.gov/data/oilseeds-world-markets-and-trade>
- 68** <https://corporate.mcdonalds.com/corpmcd/our-purpose-and-impact/our-planet/conserving-forests.html>
- 69** Idem.

- 70** <https://responsiblesoy.org/mapas-rtrs?lang=pt-br>
- 71** [https://www.proterrafoundation.org/wp-content/uploads/2020/11/ProTerra-Standard-V4.1\\_PT.pdf](https://www.proterrafoundation.org/wp-content/uploads/2020/11/ProTerra-Standard-V4.1_PT.pdf)
- 72** <https://www.facebook.com/SLCAgricola/photos/dia-083-a-fazenda-panorama-ba-recebeu-a-visita-intermediada-pela-cargill-de-repr/1602141836567987/>
- 73** <https://api.mziq.com/mzfilemanager/v2/d/a975c39b-3eca-4ad8-9330-2c0a0b8d1060/884f8418-6622-9982-06bb-12ebf6cc16a3?origin=2>
- 74** <https://www.slcagricola.com.br/quem-somos/>
- 75** [https://www.slcagricola.com.br/ri2020/pdf/slc\\_ri\\_2020.pdf](https://www.slcagricola.com.br/ri2020/pdf/slc_ri_2020.pdf)
- 76** <https://dadosabertos.ibama.gov.br/dataset/fiscalizacao-auto-de-infracao>
- 77** <https://unearthed.greenpeace.org/2020/11/25/brazil-fires-deforestation-tesco-nandos-mcdonalds/>
- 78** <https://seekingalpha.com/instablog/48299764-chain-reaction-research/5462495-pressure-grows-on-traders-investors-to-take-action-on-cerrado-deforestation-slc-agricola>
- 79** Idem.
- 80** [https://www.greenpeace.org/static/planet4-sweden-stateless/2021/03/f66b926f-destruction\\_certified\\_09\\_03\\_21.pdf](https://www.greenpeace.org/static/planet4-sweden-stateless/2021/03/f66b926f-destruction_certified_09_03_21.pdf)
- 81** <https://chainreactionresearch.com/the-chain-slc-agricola-moves-forward-with-clearing-5200-hectares-of-native-vegetation/#:~:text=home-,The%20Chain%3A%20SLC%20Agricola%20Moves%20Forward%20with,5%2C200%20Hectares%20of%20Native%20Vegetation&text=SLC%20Agricola%2C%20the%20largest%20listed,the%20first%20quarter%20of%202020>
- 82** [https://1ilncn2ptox93ih9e41q8but-wpengine.netdna-ssl.com/media-library/wp-content/uploads/sites/24/2019/11/Relatorio-Resumo-Publico-RTRS\\_SLC\\_2019.pdf](https://1ilncn2ptox93ih9e41q8but-wpengine.netdna-ssl.com/media-library/wp-content/uploads/sites/24/2019/11/Relatorio-Resumo-Publico-RTRS_SLC_2019.pdf)
- 83** <https://www.greenpeace.org/usa/wp-content/uploads/legacy/Global/usa/report/2010/1/minimum-criteria-for-i.pdf>
- 84** <https://reporterbrasil.org.br/2019/05/slave-labor-found-at-second-starbucks-certified-brazilian-coffee-farm/>
- 85** <https://reporterbrasil.org.br/2018/08/fazenda-de-cafe-certificada-pela-starbucks-e-flagrada-com-trabalho-escravo/>

